

Desemprego no DF é de 22,7%

LUÍS OSVALDO GROSSMANN
DA EQUIPE DO CORREIO

Brasília vive um dos piores quadros de desemprego de sua história, onde um em cada cinco trabalhadores estão sem trabalho. O índice de desemprego em junho foi de 22,7%, com 219,7 mil desocupados, segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) do Dieese e da Secretaria do Trabalho. O cenário é pior para os mais pobres. Entre os mais ricos, o desemprego é de 10,2%, mas chega a 30,4% para quem ganha até R\$ 600.

“Vim tentar a sorte em Brasília, mas está difícil”, lamenta o segurança Generci Moreira de Faria. Depois de dois anos trabalhando na Receita Federal de Foz do Iguaçu (PR), Generci — além de outros 30 colegas — foi dispensado. Há dois meses procura emprego no Distrito Federal, mas, a dificuldade é maior quanto menor a qualificação. E desde 2001 os programas de qualificação estão parados. Naquele ano menos de 1% dos trabalhadores do DF foram treinados.

O difícil quadro de Brasília é visível desde o início do ano. Em março o desemprego chegou a 23,2% e desde então as pesquisas mensais não vinham sendo divulgadas — segundo o GDF, por problemas na base de dados. Agora sabe-se que abril registrou a mais alta taxa — 23,3% — desde que a pesquisa começou a ser realizada, em 1992.

Ainda assim, o governo comemorou a queda de 0,4 ponto percentual no índice de desemprego entre maio (23,1%) e junho. “Houve um aumento esperado no começo do ano, mas conseguimos reverter esse quadro”, afirmou a secretária de Trabalho, Dulce Tanuri. A coordenadora da pesquisa, Graça Ohana, do Dieese, foi mais cautelosa. “É sempre bom reconhe-

cer alguma queda, embora a taxa ainda seja bastante alta”, afirmou.

Desânimo

Uma pequena recuperação nos níveis de emprego, porém, é comum entre maio e junho. No ano passado, o desemprego no período caiu de 20,9% para 20,4%. No ano anterior, de 20,6% para 20,3%. E em 2000, de 21% para 20,3%. Segundo a PED, o comércio (que gerou 2,6 mil vagas) e o setor público (1,3 mil novos postos) foram os principais responsáveis pela pequena diminuição no desemprego. “Normalmente há uma melhora nesse período, mas não há nada otimista para os próximos meses. Não deve haver demissões porque o quadro ocupado já está muito enxuto, mas há um desânimo generalizado no setor”, afirma o presidente da Federação do Comércio do DF, Adelmir Santana.

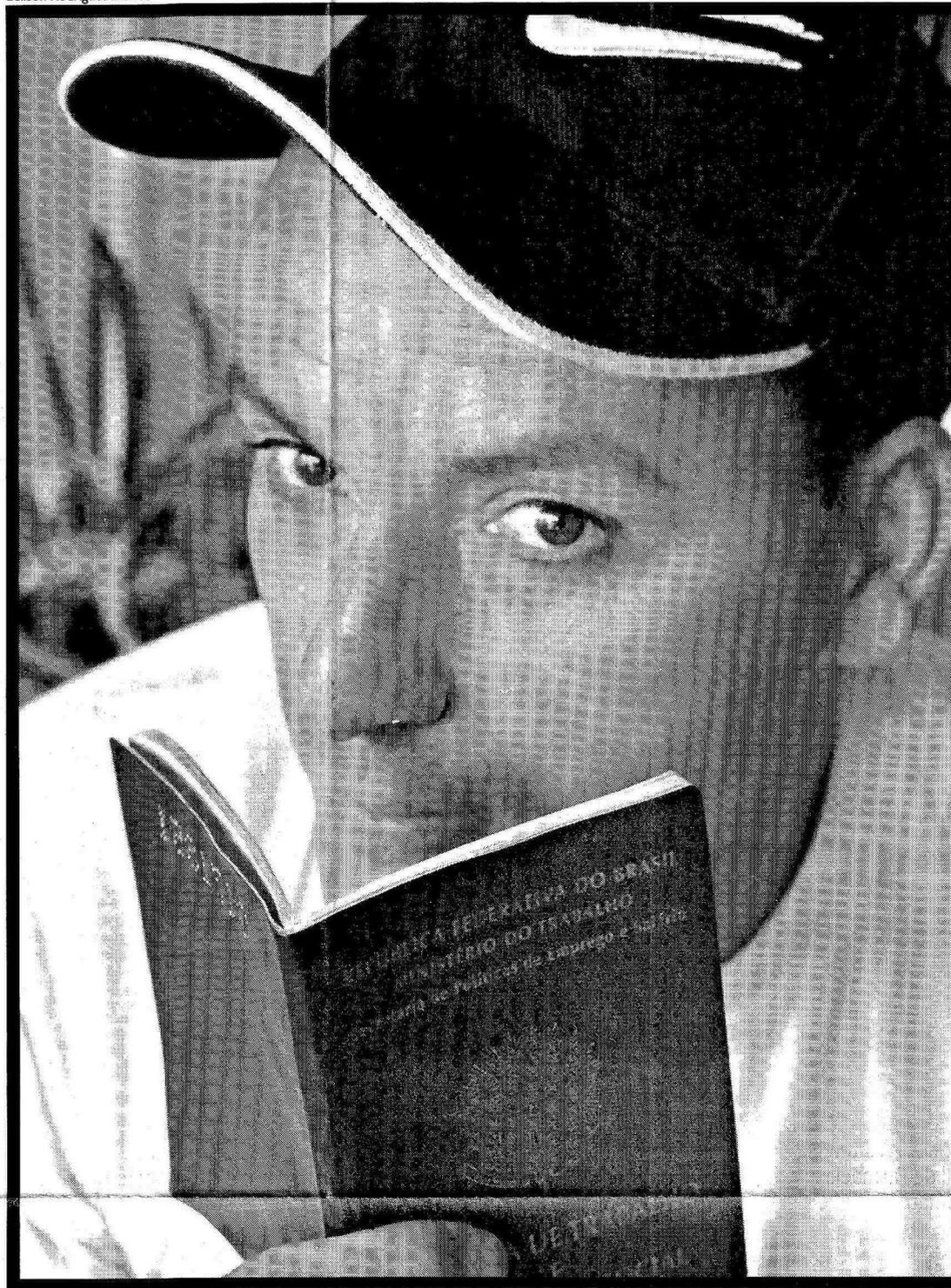
Renda menor

Segundo ele, o comércio sofre diretamente com o desemprego alto e a conseqüente queda na renda da população, também constatada na pesquisa. Em média, o rendimento real dos trabalhadores caiu 3,3% em maio, mas a queda é bem maior na comparação com o ano passado e chega a 15,6%. De acordo com a PED, a renda média no período caiu de R\$ 1,3 mil para R\$ 1,1 mil. Considerando-se apenas os trabalhadores do setor privado, a renda média caiu de R\$ 852 para R\$ 731.

A contratação de empregados

pelo setor público, no entanto, não diminuiu as dificuldades com a redução nos investimentos. “Não há obras sendo contratadas nem no governo federal nem no local. Desde o início do ano que o setor da construção não contrata e muitos estão demitindo”, diz o presidente do grupo Paulo Octavio, Marcelo Carvalho. O nível de emprego no setor caiu 10,4% em um ano. “Na economia local, o pólo dinâmico é o

Edilson Rodrigues 29.7.03



O SEGURANÇA GENERCI MOREIRA DE FARIA HÁ DOIS MESES PROCURA EMPREGO NO DF: SEM QUALIFICAÇÃO

setor público. Quando ele gasta menos e paga menos, o PIB per capita cai. Para melhorar, é preciso recuperar os investimentos e os salários”, afirma o economista Jorge Arbache.

Para o ex-ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, secretário-geral da ONU para Comércio e Desenvolvimento, somente um crescimento econômico de 5% a 6% ao ano pode conter o desemprego — que no país é de 13%. “Se a economia não crescer nesses níveis, não há solução”, disse ontem durante um simpósio no Instituto de Economia da Unicamp.

TST defende cooperativas

O presidente do Tribunal Superior do Trabalho (TST), ministro Francisco Fausto, afirmou ontem que chegou a hora de a economia deslanchar. “Não podemos ser apenas monetaristas, agora é o momento de incentivar qualquer medida que impulse a criação de empregos”. O ministro disse apoiar a decisão do governo de estimular trabalhadores a se reunirem em cooperativas de trabalho. O objetivo, com o incentivo à formação dessas cooperativas, será levar capacitação aos trabalhadores para que eles próprios assumam empresas em dificuldade financeira e consigam driblar o desemprego.

O presidente do TST afirmou ser fundamental a atuação das cooperativas de empregados neste momento de situação econômica difícil para as empresas, muitas delas em situação pré-falimentar. Para o ministro, esta seria uma saída interessante para garantir tanto o emprego ao trabalhador quanto a continuidade da atividade econômica. “Há muitas empresas, inclusive no campo, que passam por sérias dificuldades financeiras e que, se fossem gerenciadas por meio de cooperativas, garantiriam milhares de empregos”, disse.

Quando as empresas já estiverem funcionando por meio das cooperativas de funcionários, a intenção do governo é facilitar a obtenção de empréstimos e a renegociação das dívidas dessas empresas com a União. De acordo com o Ministério do Trabalho, existem hoje 289 empresas geridas por trabalhadores seguindo o modelo do cooperativismo e empresas de auto-gestão. Já as estatísticas da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) apontam para a existência de 147 cooperativas de produção criadas a partir de empresas que se encontravam em dificuldades financeiras.



CRESCIMENTO

“SE A ECONOMIA NÃO CRESCER A NÍVEIS DE 5% A 6% AO ANO, NÃO HÁ SOLUÇÃO”

Rubens Ricupero, secretário-geral da ONU para Comércio e Desenvolvimento

OS ÍNDICES

Taxas de desemprego no DF (Em %)

| | | | |
|----------|------|----------|------|
| Mai/2002 | 20,9 | Dez/02 | 19,8 |
| Jun/02 | 20,4 | Jan/2003 | 20,6 |
| Jul/02 | 20,3 | Fev/03 | 21,7 |
| Ago/02 | 19,5 | Mar/03 | 23,2 |
| Set/02 | 19,5 | Abr/03 | 23,3 |
| Out/02 | 19,4 | Mai/03 | 23,1 |
| Nov/02 | 19,9 | Jun/03 | 22,7 |